



ENTREVISTA

"À UnB dediquei minha vida com todo o amor"

Prestes a deixar o cargo, Lauro Morhy revela que suas maiores alegrias estão ligadas à universidade e que nunca se arrependeu das decisões que tomou, nem mesmo de ter abdicado da vida pessoal pela instituição

ANDRÉ AUGUSTO CASTRO

Editor Online da Assessoria de Comunicação

Construída entre 1909 e 1912, a Ferrovia Madeira-Mamoré marcou um importante capítulo na história da ocupação da Amazônia. No final da linha encontrava-se o município de Guajará-Mirim (Rondônia), onde em 1940 nasceu o reitor da Universidade de Brasília (UnB), Lauro Morhy. Àquela época, não se sabia exatamente em qual estado brasileiro ficava a cidade. Por isso, Morhy tem documentos expedidos como rondonense, matogrossense e amazonense. Aos 11 anos, em 1951, o menino começava a trilhar a jornada que o levou, em 1997, à reitoria de uma das principais universidades brasileiras.

Em Belém (PA), concluiu sua graduação em Química Industrial e Engenharia Química pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Já formado, nutria o sonho de estudar fotossíntese molecular no exterior: "Seria uma boa coisa para o Brasil ter um grupo de cientistas nessa área". Mas, com problemas políticos por ter sido diretor da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1964, ano do golpe, nunca obteve uma bolsa. Chegou a viver quatro anos na clandestinidade.

Casado com a paulistana Wilma (Di Pietro) Morhy há 37 anos, sem filhos por opção, mudou-se para Brasília em 1969. Depois da demissão de 223 professores em 1965, a UnB estava carente de quadros e Morhy, então morando em São Paulo, decidiu arriscar e vir para a nova capital. "Tinha e tenho verdadeira paixão por Brasília. A idéia de interiorizar o desenvolvimento me era fascinante", diz. Engajado, Morhy considera a UnB a filha que nunca teve e associa suas maiores alegrias à vida universitária.

Quando chegou à instituição, foi direto para o Instituto de Química (IQ), mas logo migrou para o Instituto de Ciências Biológicas (IB), onde fez mestrado em Biologia Molecular. Movido a desafios, decidiu determinar a estrutura completa de uma proteína pela primeira vez no Brasil: a do inibidor de tripsina e quimiotripsina pancreática, encontrada no feijão-de-corda. Esse foi seu trabalho de tese de doutorado pela Escola Paulista de Medicina (atual Unifesp), entre 1980 e 1985. Mas sua pesquisa foi toda realizada na UnB e resultou, além da primeira estrutura de uma proteína completamente determinada no Brasil, na criação do Laboratório de Bioquímica/Química de Proteínas e do Centro Brasileiro de Serviços e Pesquisas em Proteínas na universidade.

Morhy tem profundo orgulho de ser um "guerreiro amazônico", como ele próprio fala. Tem quadros de artistas de sua terra e sempre carrega guloseimas típicas, como bombons de cupuaçu e castanha do Pará. Quando visita a região, traz para Brasília xarope de guaraná, que oferece com água a quem o visita na reitoria. A simplicidade dos tempos de Guajará-Mirim se reflete na forma de vestir. Apesar do terno que sempre enverga, nunca usou camisas de manga longa e confessa não ter nenhuma no armário. "É muito quente. Lá na Amazônia ninguém usa isso. Quando ganho alguma com manga comprida, mando cortar", confessa.

Índice

Linha do tempo
Entrevista – Lauro Morhy
Opinião
Obras e expansão
Finanças
Empreendedorismo
Ensino de graduação
Pós-graduação e pesquisa
Extensão
Ação externa
Hospital Universitário
Assuntos comunitários
Internacional
Segurança
Cespe
Recursos humanos
Outras realizações
Portal UnB
Assessoria de Comunicação
Metas cumpridas

Perfil

Nome – Lauro Morhy
(descendente de libanês e irlandês)

Idade – 65 anos

Formação acadêmica – doutor em Biologia Molecular (Química de Proteína) pela Escola Paulista de Medicina (Unifesp); mestre em Biologia Molecular pela UnB; químico industrial e engenheiro químico pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

Cargos na UnB – chefe da Estação Experimental de Ciências Biológicas, chefe do Departamento de Biologia Vegetal, diretor da Comissão Permanente de Vestibular (Copeve), transformada por ele em Diretoria de Acesso ao Ensino Superior (que mais tarde se tornaria o Centro de Seleção e de Promoção de Eventos – Cespe). Decano de Pesquisa e Pós-graduação, entre 1994 e 1997. Reitor eleito para os mandatos de 1997 a 2001 e de 2002 a 2005

Prestes a deixar o cargo, em 14 de novembro, Morhy recebeu a equipe da UnB Agência para uma entrevista exclusiva e inédita, em que não apenas fala sobre os feitos de sua gestão como também sobre sua vida pessoal. Ainda sem ter definido o que fará depois de deixar a UnB, Morhy garante que buscará manter sua dedicação ao interesse público e desenvolver trabalhos sobre ou na Amazônia. Confira a seguir os principais trechos da entrevista. A íntegra está publicada no *site* da Assessoria de Comunicação da UnB em www.unb.br/entrevistas/index.htm.

Roberto Fleury/UnB Agência



UnB AGÊNCIA – Só o fato de o senhor ter sido o primeiro reitor eleito a ficar oito anos no cargo já o coloca na história da universidade. Como o senhor se sente com isso?

LAURO MORHY – Quando entrei para a UnB, nunca passou pela minha cabeça ser reitor, decano nem nada disso. Sempre fui mais movido pela atividade de pesquisa e ensino. Fui fazendo coisas que deram certo. Com os bons

resultados, acabei ganhando projeção. Pode-se entrar para a história negativamente, positivamente ou passar sem deixar rastros. Tenho a satisfação de ter feito coisas boas e tenho convicção de que minha passagem por aqui foi, no balanço, positiva.

UnB AGÊNCIA – Quais são os principais acertos de sua gestão?

MORHY – Conseguir desenvolver mais a instituição mesmo em um panorama tão adverso, talvez o mais difícil da história da UnB. Uma das prioridades foram as instalações físicas porque a UnB cresceu em termos de cursos, alunos, atividades, mas a infra-estrutura física havia ficado para trás. Melhoramos muito a infra-estrutura geral, avançamos muito na área de informática da RedUnB em franca ampliação e modernização. O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) foi criado e implantado e hoje é o instrumento básico de modernização da gestão. Também estimulamos a geração de recursos, buscando estratégias de auto-sustentação para encarar a escassez de recursos do Tesouro Nacional. Esse é o caminho para o futuro, mas tal experiência se confronta com dispositivos burocráticos retrógrados que requerem reajustes. As atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão cresceram muito, expandindo a UnB para todo o país e para o exterior. Trabalhamos com visão estratégica. Creio que esse foi o nosso primeiro acerto. Hoje, a UnB é mais UnB.

“A maior vaidade permitida a quem exerce liderança é ver seus liderados triunfarem.”

UnB AGÊNCIA – E os principais erros?

MORHY – Em tudo que se faz há alguma imperfeição, mas acredito que as falhas foram decorrentes de imposições conjunturais, mais do que de nossos erros na gestão. Um dos principais problemas é a falta de quadros para tocar a administração e as atividades acadêmicas. Por outro lado, a legislação do país é extremamente restritiva. Os gestores públicos estão sempre em conflito com órgãos de fiscalização e controle. Frequentemente, trabalha-se no limite da lei. O sistema de fiscalização e o de controle federal estão bem aparelhados, enquanto as instituições estão carentes de quadros.

UnB AGÊNCIA – Qual é a sua maior satisfação?

MORHY – É difícil referir-me a um único momento. Ver que temos resultados mais positivos do que negativos é uma grande satisfação. Mas há outras, como a implantação do Programa de Avaliação Seriada (PAS), por exemplo. Tenho afeição especial pelo PAS porque propus essa experiência pela primeira vez em 1985. Outra satisfação foi ter criado o Laboratório de Estudos do Futuro (LEF), embora a idéia não tenha crescido tanto. Gostaria que todos se envolvessem com o LEF, principalmente a juventude, pensando as grandes questões para o futuro. Criar o Centro Brasileiro de Sequenciamento de Proteínas e expandir a UnB para Planaltina e outros estados também são motivos de orgulho.

UnB AGÊNCIA – Existem muitas queixas a respeito da segurança. O senhor acredita que esse foi um ponto falho?

MORHY – Não considero que seja um ponto falho. Apenas acredito que isso seja um problema estrutural do país, que ultrapassa nosso limite e competência para resolver no nível que todos desejam. Para se fazer mais é necessário ter recursos.

Nenhuma instituição no DF, e até onde eu sei no Brasil inteiro, chegou

ao ponto de construir um prédio para instalar policiais como nós fizemos. O campus sempre terá a segurança como ponto fraco porque é integrado à sociedade, não tem muros e tem ruas pelas quais todo mundo trafega. Reconheço que o que fizemos pode ser melhorado. Mas poderíamos estar bem mais à frente se a comunidade tivesse concordado, ainda em meu primeiro mandato, com portões no Minhocão, seguranças em prédios e policiamento ostensivo, por exemplo.

Roberto Fleury/UnB Agência



UnB AGÊNCIA – Muitos de seus críticos apontam que o senhor é um pouco distante dos alunos. O que acha disso?

MORHY – Não concordo. Sempre estive aberto e conversei com os estudantes. Tenho recebido dirigentes do DCE (Diretório Central dos Estudantes), mas parece que alguns sempre associam o reitor ao um poder contrário. Não assumiram que reitor eleito precisa de interação e que a comunidade também deve buscar isso. Na verdade, considero que o movimento estudantil está muito dividido e não consegue articular os estudantes, não só na UnB como em nível nacional.

UnB AGÊNCIA – O senhor assumiu a reitoria em um tempo de 'vacas magras' que ainda não acabou. Como o senhor acredita que será o futuro da UnB?

MORHY – Vejo um futuro bom. Com problemas sempre, é claro, mas que dependerão do rumo que o país tomar. Se a universidade tiver mais autonomia, nosso maior problema atualmente, poderá ajudar muito o país, a América do Sul e até a África. A universidade é uma componente do sistema político-social, que tem o dever de mostrar novos caminhos. O sonhador não é aquele que apenas sonha, é aquele capaz de ver a alvorada antes dos outros, seguir na frente e realizar.



"A universidade é uma componente do sistema político-social, que tem o dever de mostrar novos caminhos."

UnB AGÊNCIA – Em sua gestão, foram construídos mais de 40 novos prédios. O senhor se considera um empreendedor? Esse investimento era realmente necessário?

MORHY – Essa característica é muito necessária. Na verdade, os dirigentes de universidades públicas exercem, ao mesmo tempo, diversas funções. São empreendedores, educadores, cientistas, políticos e estadistas. Precisam pensar grande, enxergar longe, analisar o país e a sociedade. Essa parte gerencial, do dia-a-dia, exige que estejamos sempre "em cima do lance". Para melhorar a parte física foi necessário ter espírito empreendedor forte porque não se tratava apenas de aplicar recursos disponíveis, mas também de gerá-los. Tudo o que foi e está sendo construído era necessário para melhorar o funcionamento da universidade. Sem esse investimento, estaríamos em uma situação mais precária hoje.

UnB AGÊNCIA – A proposta de expandir a UnB para outras cidades enfrenta opiniões contrárias dentro da própria instituição e um dos principais argumentos é a falta de recursos para investimentos no campus Darcy Ribeiro. Como o senhor rebate essa crítica?

MORHY – Quando apresentei o plano de expansão, levava em conta uma visão estratégica de futuro. Ainda penso que ou a UnB se instala em outros pontos do DF ou ficará sufocada no *campus*, refém de um quadro de expansão de instituições de ensino superior que está se formando. Observamos que em regiões onde surgiram outras universidades, a original ficou em situação precária, perdeu força política e amparo social. A UnB nasceu para ter papel maior e estratégico. Deve ter pelo menos outros três pólos, que seriam centros de inteligência na grande Brasília e poderiam colaborar com o trabalho de ordenamento, crescimento e desenvolvimento do DF. No caso de Planaltina, campus que está pronto para funcionar, os recursos obtidos foram específicos. Não tiramos nada do Plano Piloto. As vagas para docentes foram destinadas especificamente para a expansão porque há interesse do governo nisso.

UnB AGÊNCIA – Quais as principais dificuldades de administrar uma universidade como a UnB?

MORHY – A número um é a base legal-institucional em que ela se insere. É extremamente restritiva e até policial. Dentro desse problema está a dependência direta da universidade ao Ministério da Educação. O MEC tem de deixar as universidades trabalharem, sobretudo as de maior porte. Precisamos de dotação de recursos públicos destinados pelo governo, e o MEC pode ser um agente avaliador importante, com a função de desenvolver uma estratégia nacional de educação. A universidade está acorrentada pela legislação existente. O país deve apostar em algumas instituições e deixá-las voar, mesmo que seja só como experiência piloto. Mas não sou otimista quanto à mudança rápida dessa situação porque interpreta-se a Constituição de modo restritivo em tudo que pode dar autonomia à universidade. É preciso entender que a universidade pode ser pública, mas tem de ser versátil ao mesmo tempo, com liberdade para comprar, vender, contratar e demitir. Cada instituição é ela mesma. Colocar todas sob a mesma forma e regime é tirar nossa maior força: a diversidade.

UnB AGÊNCIA – O senhor se considera satisfeito?

MORHY – Sim. Sou uma pessoa que nasceu num lugar tão pobre, no interior da Amazônia, e saiu por aí morando em repúblicas de estudantes, internatos de colégio, em cidades do Norte, do Sudeste e do Sul, sempre procurando concretizar cada sonho. Nunca desisti, mesmo contra as dificuldades mais pesadas que encontrei. Não quero me colocar como exemplo, mas é importante que pessoas modestas, de lugares e famílias humildes, acreditem que é possível chegar a posições mais proeminentes e de maior destaque. Não apenas para satisfazer ao ego e vaidades pessoais, mas com objetivos sociais elevados. Nada resiste ao trabalho e à vontade do homem quando ele atua com boa fé e construtivamente.

Roberto Fleury/UnB Agência



UnB AGÊNCIA – São perceptíveis sua dedicação, engajamento e comprometimento com o ensino público e a UnB. O senhor chega a sacrificar aspectos de sua vida pessoal pelas exigências do cargo?

MORHY – Totalmente. Nesse período todo em que estive aqui, vivi praticamente para a UnB. Pode-se se dizer que a universidade é a filha ou filho que não tive. Dedico-me a ela de manhã, à tarde, à noite, aos sábados e domingos. Nunca tirei férias de verdade. Mesmo quando tirei férias formais, no papel, estava trabalhando pela UnB. Não recomendo a ninguém fazer isso, é uma coisa pessoal. Tenho enorme orgulho por ser da UnB, por ter sido eleito reitor duas vezes e por ter trabalhado aqui esses anos todos. Serão 36 anos no dia 31 de janeiro de 2006. De vida universitária, são 45.



*"A universidade está
acorrentada pela legislação
existente."*

UnB AGÊNCIA – O senhor já se arrependeu dessa dedicação toda?

MORHY – Nunca. Nunca mesmo. Se eu quisesse ganhar dinheiro, poderia ter ficado em empresas de São Paulo antes de vir para Brasília. Fico satisfeito desde que esteja fazendo coisas construtivas, prestando serviço para a sociedade. Faria tudo novamente. Vivi a minha época e a minha juventude com toda a plenitude. Tudo que fiz foi com muito amor e dedicação. Não me arrependo de nada e espero que não venha a me arrepender até morrer. Considero-me privilegiado nesse aspecto.

UnB AGÊNCIA – Suas grandes alegrias estão associadas à UnB?

MORHY – Pode acreditar que sim. Eu fico feliz quando a instituição é reconhecida, quando um pesquisador faz algo importante e é respeitado. Sempre que a universidade tem projeção por aí é motivo de grande orgulho. Uma grande satisfação pessoal que tive foi quando determinei o último aminoácido da estrutura de uma proteína na UnB, trabalho pioneiro no país. Naquele dia fiquei no céu, tomei até umas pingas de tanta felicidade. Foi um trabalho de cinco anos quase sem apoio do governo. Outro momento importante foi quando conseguimos implantar o PAS. Foi uma vitória. Tivemos muita dificuldade para convencer as pessoas. Tudo que pedíamos era o direito a uma experiência, mas o programa ficou nove anos engavetado no MEC. Poderíamos estar em outro estágio em relação a esse assunto.

UnB AGÊNCIA – Quais os momentos mais tristes que o senhor se lembra?

MORHY – Para mim o mais triste, sempre que acontece, é uma greve. Olho para a biblioteca e não vejo estudantes. Isso abala a instituição. Compreendo as razões das greves, mas isso me causa muita tristeza. Lamento também as invasões policiais, grosseiras e antidemocráticas. Mas creio que nossa sociedade amadurecerá e aprenderá mais a encontrar soluções pacíficas e inteligentes nos momentos de conflito.

UnB AGÊNCIA – Como reitor, o senhor é recebido em altas rodas, pelo presidente da República, por ministros, embaixadores, presidentes de outros países. É um cargo que tem certo glamour. O que acontecerá com Lauro Morhy depois de deixar a reitoria da UnB?

MORHY – Vou continuar a ser o que sempre fui. Considero-me uma pessoa simples, sem grandes exigências. Tanto em lugares ricos como pobres sou o mesmo. A vaidade nunca me subiu à cabeça nem como reitor nem em qualquer outro cargo que ocupei. Um líder não tem o direito de ser vaidoso. A maior vaidade permitida a quem exerce liderança é ver seus liderados triunfarem. Ainda não defini o que farei, mas com toda certeza será alguma coisa de interesse social e coletivo. Meu foco é a Amazônia, não só por eu ser da região, mas por acreditar que ela representa o grande desafio do país e talvez até do mundo.